

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

SOBRE DERIVAS, COREMAS E PAISAGENS

Theo Soares de Lima

Boletim Gaúcho de Geografia, v. 43, n.2, Dezembro, 2016.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/59062>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - Dezembro, 2016.

Associação dos Geógrafos Brasileiros

Seção Porto Alegre, RS, Brasil.

Boletim Gaúcho de Geografia

SOBRE DERIVAS, COREMAS E PAISAGENS

Theo Soares de Lima

Geógrafo e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduando em Filosofia pela mesma Universidade.

Email: theolima@gmail.com

RESUMO

O presente artigo aborda os trabalhos de campo, em particular na Geografia, relacionando-os aos conceitos/noções de deriva, corema e paisagem. Para tal, é feito um resgate de publicações do autor que tratam dos temas envolvidos, conjuntamente com a apresentação de um corema e de três “janelas gráficas”. A discussão foi desenvolvida, por conseguinte, juntando o que já havia sido feito com assuntos que permaneciam por ser ditos.

PALAVRAS-CHAVE: Internacional Situacionista. Trabalho de Campo. Deriva. Corema. Paisagem.

1. ENUNCIÇÃO

“Viajar é útil, exercita a imaginação. O resto é desilusão e fadiga. A viagem é inteiramente imaginária. Eis a sua força. Vai da vida para a morte. Pessoas, animais, cidades, coisas, é tudo inventado. É um romance, apenas uma história fictícia. Disse Littre, e ele não erra. Porém, qualquer um pode fazer o mesmo. Basta fechar os olhos. E estará do outro lado da vida.” - Louis-Ferdinand Céline¹

Há alguns meses defendi minha dissertação de mestrado. Para tanto, foram necessário dois anos precedentes e, se ainda for incluída a monografia, mais um. Independente disso, é com enorme prazer que trato do assunto pela primeira vez, pós-defesa. É, também, com enorme temor. Será que estarei sendo repetitivo? Será que há “caldo” para mais? Que será, de tantas coisas que serão?

O aspecto mais marcante ao longo da dissertação foi as “entradas de campo” (LIMA, 2011, p. 51). Não só por sua importância, pessoal e dentro do trabalho, mas porque a maneira de tratá-las influenciou, metodologicamente, toda a estrutura do trabalho, a realizada e a porvir. Se, inicialmente, a proposta era derivar pelas ruas do Centro Histórico de Porto Alegre/RS, a pesquisa tornou-se, ela própria, “uma larga e única deriva” (LIMA, 2015, p. 14). É através desse aspecto que gostaria, agora, de dar prosseguimento a mais uma caminhada.

Em termos de tópicos do artigo, farei uma recapitulação da monografia e da dissertação, por uma ser continuação da outra e o artigo consequência de ambas. Em seguida, abordarei a parte específica dos trabalhos de campo na pesquisa de mestrado (que envolve uma ideia de viagem investigativa). Por último, o fechamento com a conclusão. Em itálico, entre os capítulos do artigo, estão expostas três “janelas gráficas” – pretensões da dissertação que foram deixadas de lado, como igualmente aconteceu com a realização do corema (explicarei o que são e qual meu intuito com ambos). Ao mesmo tempo em que não se pode querer dizer tudo, é sempre difícil cortar um trabalho. Entretanto, em função do que decidi focar na dissertação, as tais “janelas” e o corema tiveram que esperar seu momento. Que, diga-se de passagem, não tardou: é melhor utilizar-se da memória enquanto ela está vívida e forte.

Antes de prosseguir faço uma ressalva sobre o tempo verbal do artigo. O tom é de relato acerca do “método” de pesquisa e sobre a paisagem vivenciada. Ademais, é uma herança do último capítulo da dissertação, uma “narrativa interpessoal ambientada em escala 1:1” (LIMA, 2015, p. 131-139), bem como o último da monografia, uma “narrativa de uma experiência derivante” (LIMA, 2011, p. 64-

¹ Abertura do filme “A grande beleza”, dirigido por Paolo Sorrentino.

66). As “janelas gráficas”, ainda que não estejam na primeira pessoa, possuem a mesma característica de estar contando uma estória. Posso adicionar, também, a influência do artigo chamado “Aproximar sem reduzir” (SILVA, 2004), que faz uma aproximação entre trabalhos de campo e derivas, e se utiliza de registro descritivo como “uma espécie de relatório psicogeográfico” (SILVA, 2004, p. 144).

RITUALIZANDO O COTIDIANO

A superfície terrestre é a base existencial do ser humano, é sobre ela que se desenrola sua vida. Daí a ligação entre homem e Terra ser uma relação fundante, porque é de onde ele advém, é dela que provém seu sustento e é para onde se retornará. Uma pira para o guerreiro, uma prancha ao mar para o pirata, uma cova para o indigente. Espaços aéreo, aquático e telúrico, todos se prestam como destino e morada final.

A partir de onde habita, o ser humano significa a Terra para torná-la Mundo. É assim que locais tornam-se sagrados ou profanos, que instigam ou paralisam. Todavia, não é a paisagem que diz ao homem “venha”. Porque as luzes, os cheiros e os sons lhe dão vida, mas não a dotam de intenção. A paisagem não pode ser sujeito porque não é projetiva, nunca será um ator sintagmático. É o homem, ao presenciá-la, que conjuga esses elementos, atribuindo valores ao que sente e às suas reflexões, como uma expressão que toma forma dentro de si e lhe diz: “vá!”.

A plena objetivação do planeta encolheu o espírito, arrancando o humano de sua base para deixá-lo em suspensão etérea. A natureza torna-se comprimento, peso e posição, medidas estabelecidas através de réguas, balanças e astrolábios. Ao transformar os elementos físicos em “corpos que caem”, a união umbilical com a Terra foi cortada, decepando uma ligação que se remonta desde períodos pré-históricos, quando o Mundo era equivalente ao contexto vivido e o pertencimento intrínseco à sobrevivência. A relação com o entorno é condicionante para a realização da vida e sua disjunção esterilizou o lado humano, colocando-o numa posição em que não pode mais dar algo em troca. Sua relação passa a ser uma teleologia perversa, esgotando o período compreendido entre nascimento e morte em mero utilitarismo acumulativo, esquecendo, assim, que “além de flores nada mais vai no caixão”². Ritualizar o cotidiano seria reestabelecer a importância de sentir-se pertencente, esse sentimento que dá liga tão tenaz entre humano e húmus, e que pode preencher o vazio deixado pela morte das narrativas míticas, cuja função era exatamente essa.

2 “Meu mundo é hoje”, composição de Wilson Batista.

Para isso é necessário impregnar os momentos diários com algo além do opaco brilho refletido pelas cidades. Há de se lembrar, inclusive, que o brilho não é mais do que uma qualidade de superfície. A ligação entre o vivente e o que o circunda precisa se dar de maneira mais profunda, alterando a própria estrutura do ser quando acontecerem. Ir à busca dos significados herméticos faz melhor entender o que se esconde e o que se pode projetar, em função de uma nova inteligibilidade sobre determinado fenômeno. Compreender a gênese e a potência dos acontecimentos é apropriar-se da grande tríade temporal que reina a vida humana – passado, presente, futuro – e ao fazê-lo, talvez, o espaço também haverá de ser seu.

2. DOS CAPÍTULOS ANTERIORES...

Como dito no início, já são três anos, descontínuos, em que venho tratando de uma “mesma temática”. Na monografia, apresentada para a conclusão do curso, escrevi uma primeira aproximação entre a Internacional Situacionista (IS) e a Geografia, através da “Teoria da Deriva” (DEBORD, 2003c [1958], p. 87-91).

Na dissertação dei prosseguimento ao que acreditava ter sido deixado em aberto. Não no sentido de falha, de um nó frouxo ou nem mesmo atado, mas de sugestões de continuidade, conclusões da própria pesquisa que tinha vontade de verificar. No caso, exercitar a metodologia psicogeográfica.

O primeiro momento foi de explicação. Que movimento é esse, que está “por trás” da ideia de uma sociedade espetacular-mercantil? Fui descobrindo os situacionistas através da primeira, até onde sei, compilação de seus textos editados no Brasil: o livro “Apologia da deriva”, organizado por Paola Jacques (2003).³ Depois conheci “Assalto à cultura” (HOME, 2004), um panorama sobre os movimento de contracultura da época, especialmente sobre os que tiveram relação direta com a IS. “A arte de viver para as novas gerações” (VANEIGEM, 2002) e “A sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1997), suas grandes obras literárias, vieram depois.

Enfim, encaminhando. A Deriva, para os situacionistas, possui duas características essenciais. Uma – foco da monografia – enquanto comportamento cotidiano, prática de deambular pela cidade, deslocar-se sem rumo para que as “solicitações do terreno” (DEBORD, 2003c [1958], p. 87) possam agir livremente. A outra característica – abordada na dissertação – é de servir como método para a investigação psicogeográfica, que analisa o urbanismo funcional para recriá-lo

3 Outra compilação pode ser encontrada no catálogo da, coincidentemente, Editora Deriva: <<http://www.deriva.com.br>>

enquanto urbanismo unitário, que é o “emprego conjunto de artes e técnicas que concorrem para a construção integral de um ambiente em ligação dinâmica com experiências de comportamento” (IS, 2003 [1958], p. 65), e que tem como objetivo a superação das fragmentações modernistas do tecido urbano.

Desta peculiar proposta de analisar o espaço psicogeograficamente, quais apontamentos metodológicos, falhos e válidos, poderiam ser destacados? Comecei levantando dados de um estudo realizado por Abdelhafid Khatib (2003 [1958] p. 79-84), no bairro parisiense de Les Halles, em que identifique três elementos básicos, que também eram mencionados, direta e indiretamente, nos diversos textos incluídos na compilação da “Apologia”. As placas giratórias, os eixos de conexão e as ambiências são a tríade que forma o dorso da psicogeografia.

Através de derivas, realizadas pelo Centro Histórico porto-alegrense, pude abordar um a um. Não individualmente, no sentido de que teria que realizar uma deriva (ou quantas necessárias) para cada item. Abordá-los um a um significa que todos os três deveriam aparecer explicados: endogenamente, dizendo o que são e para que “servem”, e exogenamente, em uma concepção relacional, entre si e com o mundo circundante. Faz sentido falar de placas giratórias somente em investigações psicogeográficas ou elas são um instrumental interessante para pesquisas urbanas em geral? Elas funcionam para a arquitetura da mesma forma que para a geografia? E elas se prestam a serem pensadas cotidianamente, tanto quanto academicamente? Não digo que consegui responder a todas essas e tantas outras perguntas, mas, indubitavelmente, foram questões que surgiram e cuja existência é importante e deve ser pensada.

Uma dúvida que permanecia, desde o fim do TCC, e que ingressou comigo no mestrado, era sobre a “essência” da psicogeografia, o que propriamente a define. As noções situacionistas sempre foram vagas, acerca de diversas coisas, e, de certo modo, isso é um de seus trunfos. Preocupados em criticar a ordem adjacente às transformações arquitetônicas do modernismo, os *situs* (tratemo-los assim, pelo seu diminutivo) estenderam sua maneira de enxergar o mundo para a maneira de abordar os assuntos na escrita. Como eles mesmos publicaram, “[f]icará claro que a IS não deve ser julgada em seus aspectos superficialmente escandalosos de certas manifestações através das quais ela aparece, e sim em sua verdade central, *essencialmente escandalosa*” (grifos do autor; IS, 2002 [1967] p. 72). Ainda assim, isso não deve levar para uma crítica de desqualificação. A ausência de acuidade acadêmica, deliberada ou não, não anula a força de certas verdades ditas.

Os *situs* evidenciaram um mundo cada vez mais ressecado de significados, monótono em suas atividades diárias, com seus movimentos pendulares, com suas

áreas funcionais destinadas a usos pré-determinados, onde até mesmo o descanso é consumível, porque mercantilizado em “lazer”. A partir de tais concepções puderam consolidar um elo para sua crítica. Se o capitalismo é a edificação a ser derrubada, certamente o urbanismo é um de seus pilares, viés reprodutor da ideia hegemônica.

O desenvolvimento do meio urbano é a educação capitalista do espaço [e] é imposto por meio de uma chantagem, em nome da utilidade. [...] Todo o planejamento urbano se compreende apenas como campo da publicidade-propaganda de uma sociedade, isto é, a organização da participação em algo de que é impossível participar (grifo nosso; Kotányi & Vaneigem, 2003 [1961], p. 139).

Assim, a defesa de um “urbanismo feito para dar prazer” (CONSTANT, 2003 [1959], p. 114) é uma conclusão que decorre dos próprios pressupostos do problema enfrentado. Em um mundo tão contrário ao espontâneo, o prazer é um estandarte de sobriedade. Mas este prazer não deve ser niilista e fatalista. Como enxergado pelos *situs*, ele deveria advir de jogos cotidianos, de brincadeiras labirínticas através da urbe até construções coletivas de situações. Arquitetonicamente, setores geográficos da cidade deveriam surtir sensações distintas, como um bairro histórico e outro futurista, um sombrio e outro iluminado, e assim por diante. Adiante, a urbe viria a ser um cenário em que a arte tomaria conta do dia-a-dia. Mesmo que não se siga isso como indicativo restrito, transformar, por ex., a cidade em um grande mosaico temático, é importante ver o que motiva tal pensamento. Transitar pelo espaço urbano não pode ser sempre “mais do mesmo”, como se estivéssemos sempre em um único lugar. Parodiando Fernando Pessoa, emocionar-se é preciso, entediar-se não é preciso.

Onfray (2010) faz um resgate do hedonismo, em seu sentido original epicurista (que nada tem a ver com o sentido atual de hedonismo enquanto um regozijo imediatista), tendo muito a contribuir com a concepção da IS. O prazer advindo da associação entre criação individual e coletiva, buscado em rodas de conversas filosóficas, serve para pensar o hoje projetando a existência futura. Ao mesmo tempo, o prazer epicurista ocupa-se do que é eminente para combater a ideia de uma vida focada alhures, na morada imortal da alma. O hedonismo epicurista surge para mostrar aos seres humanos a potência que existe neste largo Jardim terreno, pois o que acontece depois da morte é assunto dos deuses e, por escapar ao domínio dos homens, não deveria preocupá-los. É a proposta de um agora que não se fecha em si mesmo.

De tudo isso, a dissertação resultou numa busca pelo que vem a governar os seres vivos. Ou seja, em vez de pensar os usos potentes para o Centro Histórico de Porto Alegre, tentei investigar o que os condiciona, o que os impede, vendo na forma da cidade uma imensa rede que se efetiva como mecanismo de subjetivação dos sujeitos: caminhar pelo meio urbano mostra a configuração de uma estrutura que é feita “à imagem do poder” (RAFFESTIN, 2011, p. 187). As redes que constituem a cidade são tanto um instrumento de poder quanto são sua manifestação, expressas na possibilidade de ir para um lado ou para outro.

Assim, em vez de uma psicogeografia dos sentimentos, “[d]o estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que age diretamente sobre o comportamento dos indivíduos” (DEBORD, 2003a [1955], p. 39), passou-se para uma psicogeografia da dominação, da investigação dos conflitos que envolvem a produção da cidade.

CONTATOS IMEDIATOS DO VIVIDO

Perambular pela cidade obriga ao convívio com o Outro, esse ser sempre estranho, condição da própria produção da cidade.

214

O que se vê, em um local como o Centro de Porto Alegre, é uma diversidade aparentemente inesgotável na imensidão da massa. Parece não haver fim às possibilidades estéticas. Histórias e estórias de vida se empilham e se chocam aos borbotões. Com raríssimas exceções encontraremos a mesma pessoa duas vezes. Como lidar com a angústia desse desconfortante desconhecido, de novo e novamente? Enxergando tal questão como positividade, como condição intrínseca, necessária, estimulante, reveladora da cidade. Mas não só de pessoas é feita a vida cidadina. Ela se desenrola em uma superfície, por meio de formas tão variadas quanto a multiplicidade que lhe dá movimento. Não é à toa que determinadas situações somente acontecem, ou são mais prováveis de acontecerem, em determinados locais, em determinados momentos.

Nas andanças feitas ao longo do trabalho passou-se pelas mais curiosas e diversas situações. Uma sonora gargalhada de amigos em mesa de bar, uma fofoca de dois funcionários em sua pausa para o cigarro, os causos dos vendedores ambulantes. O descanso à beira do Guaíba em um final de tarde de céu aberto, a disputa pelos pequenos espaços das marquises em um dia chuvoso, o olhar apressado buscando uma loja ou uma rua específica, os contatos casuais em uma fila, aproximando estranhos em interlocutores, amigos por um instante.

Os dados psicogeográficos, portanto, não precisam ser “colhidos” necessariamente a partir de cada indivíduo. A questão não é, por exemplo, entrevistar cada um dos seres que ocupam a área todos os dias. O dado é, antes de tudo, o que se pode destrichar para que seja possível uma caracterização mais precisa da situação⁴ que se está analisando.

O tamanho das edificações, sua imponência, o número de ocupantes. A caracterização das pessoas que por aí circulam, qual sua tez, suas vestes, seus hábitos alimentares, suas preocupações. Qual a colonização relacionada a este assentamento: portuguesa, italiana, alemã? A intensidade de tráfego, os modos utilizados para tal – motores ou tração animal? Qual a diversidade dos serviços ofertados?

Enfim, observar de perto o desenrolar cotidiano é uma tentativa de apreensão integral da paisagem: lê-la através de um processo de espacialização que parte do entorno vivido.

3. VIAGENS INVESTIGATIVAS

“Cada viagem é tomada de uma amplitude de momentos. Cada viagem é particular, ou seja, parte do todo e singular frente ao universal. Nenhuma é reprodutível. Pode-se retornar ao mesmo local e ainda assim será impossível que se tenha a mesma experiência, pois, no mínimo, o tempo será outro. Cada viagem se presta à metáfora heraclitiana do rio: nem quem a realiza nem o local serão os mesmos. Seja porque o ambiente mudou, seja porque o homem que retorna mudou, seja por ambos. A permanência, que dirá a imutabilidade, é impossível. Cada viagem faz o que é vir a ser” (LIMA 2015, p. 103).

215

A epígrafe/citação acima é um trecho do primeiro parágrafo do capítulo “Botar o pé na estrada”, que trata dos trabalhos de campo, em dois sentidos. Um é o sentido deles dentro da pesquisa específica de mestrado. Como foram pensados, realizados, registrados. O outro é o sentido de uma concepção metodológica ampla, que extravasa para o âmbito do “fazer pesquisa”, que comporta e reflete determinada postura perante o mundo. As viagens de uma pesquisa participativa são radicalmente diferentes de um levantamento positivista de dados, ou de um estudo fenomenológico, por ex. Portanto, para cada busca existem etapas que complementam os campos e vice-versa. Para que haja mais desenvolvimento do que revisão bibliográfica, vou resgatar ambos os sentidos citados tentando não tomar nem muito espaço, nem muito tempo, que afinal “andam” juntos.

4 O sentido de Dardel (2011) para a palavra situação é a de contexto: qual o entorno habitado, sua forma e seu uso por parte de quem nele vive. A situação localiza o homem no mundo.

Devemos partir dos possíveis entendimentos do que são os comumente chamados de “trabalhos de campo”, ou seja, pelo segundo sentido acima mencionado, para depois adentrar nas peculiaridades dos campos realizados. Inicialmente, uma reflexão diretamente das palavras: ir a campo, entrar em campo, saída de campo. Ir, entrar e sair expressam uma ideia implícita, a de localização: elas situam o campo em algum outro lugar. Os próprios termos que o referendam colocam-no em posição de externalidade e de lonjura, em condição de exceção e de anormalidade, realidade objetiva para qual alguém se dirige.

Contudo, essas condições não são somente externas materialmente. O campo também está fora de nós mesmos, enquanto outro “arranjo” do espírito: uma relação existencial que ainda não foi efetuada, um ato latente. Sua potência reside, portanto, em ser um catalisador pelo estranhamento que causa – exatamente o que, à primeira vista, poderia parecer uma negatividade.

Tratar a questão dos “trabalhos de campo” imbrica perpassar tanto por sua elaboração quanto pelo que fazer com seu acontecimento, uma vez realizado, pois ele é, ao mesmo tempo, uma ferramenta analítica e um transformador de quem o vivencia. De uma maneira peculiar e intensa, as entradas de campo articulam teoria e prática, ser e existir.

A junção entre teoria e prática é um alerta para ultrapassar o empirismo infértil, que nega a interferência do pesquisador, e o idealismo, que nega a interferência das coisas terrenas. No primeiro o conhecimento torna-se eminentemente constituído, a Realidade, não havendo interferência dos seres que a produzem. No segundo, torna-se eminentemente intangível, a Ideia, donde o mundo sensível não tem nada a dizer.

Já a junção entre existir e ser é uma condicional, ou seja, se há um, há outro: não há existência sem um ente, uma entidade que, por ser tal qual, existe, e, por existir, modifica-se. Somos um quando partimos e somos outro quando retornamos: o eu, pesquisador que foi ao campo, permanece, mas não sem alterações, seja a pele queimada pela exposição solar, seja minha consciência de mundo – na verdade o que ocorre é uma transformação, do físico imbricado com o pensamento e vice-versa. Caso contrário seríamos cópias de nós mesmos em instantes distintos.

Assim, quais as demandas para realização de um trabalho de campo? Em termos de investigação, ir a campo requer um quinhão de organizações sistemáticas acerca do que se quer analisar: se a escala pretendida “faz sentido” (nessa abrangência, consegue-se observar o fenômeno desejado?), se temos claros objetivos dos quais partir, se temos verba e equipamento necessário. Mas também demanda outro quinhão equivalente: o de acasos. Criar um roteiro, passo-a-passo, é como tentar

escrever um plano de aula completamente amarrado em que só acontece o que está apontado ou como achar que o mundo é como a tela de um quadro: pelo contrário, o inesperado pede passagem constantemente, comportando uma pluralidade criadora imensurável. É em vão tentar munir-se contra todos os imprevistos de uma viagem, seria como “querer senti-la antes de tê-la vivido” (LIMA, 2015, p. 23). Depois de certa seara resta apenas o campo da “futurologia”. Por isso, o máximo que se pode fazer e, essencialmente, o que se *deve* fazer, é uma preparação condizente com os objetivos e a partir do que se tem de melhor ao alcance.

As afirmações que acabam de ser feitas evidenciam, no mínimo, três coisas necessárias para que um trabalho de campo em (psico)geografia ocorra: corpos/sujeitos, locais/objetos e equipamentos/tecnologias (SUERTEGARAY, 2002).

Estar em campo requer disponibilidade de horas – dias, semanas, meses – tanto quanto requer recursos. Para realizar um trabalho de campo é preciso uma agenda: quando, e por quanto tempo, ele acontecerá? Mas há uma obrigatoriedade que o precede: qual a área de estudo? Essas dimensões localizam o pesquisador, situam-no em algum lugar e, por conseguinte, o campo em outro, onde se deve chegar e de onde se retornará modificado. É preciso saber os dias exatos em que se permanecerá em campo, quantos serão necessários para se chegar até o local e voltar dele? Quanto isso custará monetariamente? Quantas diárias precisam ser requeridas? Qual meio de transporte será utilizado, haverá mais de um?

Realizar um trabalho de campo implica, também, o objeto pesquisado. O que se está analisando? Para tanto, quais equipamentos são demandados? GPS, cartas, teodolitos, câmeras fotográficas e/ou de vídeo, gravadores, papel e caneta? Será necessário coletar amostras? Como? E para trazê-las para o laboratório? Que tipos de análise serão feitas? É preciso saber o que se pesquisa para saber o que carregar consigo e o que fazer com o que será coletado.

Há, igualmente, a preparação corporal. Quantas horas serão ocupadas por dia? Serão feitas longas caminhadas? Quanto peso será carregado? O clima é muito diferente do habitual do pesquisador? Como é o relevo? Ir a campo demanda um reconhecimento do terreno e das próprias forças fisiológicas de quem vai até ele.

Assim, este é um exercício de precisão, em que muitas vezes não haverá segunda oportunidade. Ir a campo requer objetividade, mas, ao mesmo tempo, demanda um deslumbramento. Ninguém parte de uma zona de conforto, do vivido e conhecido, em direção ao abismo, se não tem uma fagulha que lhe desperte um devir. Ir a campo é, também, um impulso de curiosidade.

É preciso ir, e voltar, a campo! Não como uma última visita, mas com a consciência da importância metodológica que representam esses trabalhos, a

potência ao colocar o aluno diante de uma realidade da qual só ouviu falar em sala de aula, a potência ao colocar o pesquisador perante seu objeto, e, enfim, a potência empoderadora que existe para as populações pesquisadas ao tomarem conhecimento do que foi produzido – por eles próprios, ao menos em parte.

Sobre essas relações, especialmente as do parágrafo acima, cabe destacar os dois artigos da publicação “Seleção de Textos nº 11 – Teoria e Método” da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), que contém artigos de Yves Lacoste (1985) e Bernard Kayser (1985). Especificamente, sobre as questões de preparação para os trabalhos de campo, há uma excelente entrevista concedida por Claudinei Lourenço (2011) para o Boletim Paulista de Geografia, também da AGB. Nela, o professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) relata, dentre diversos outros pontos interessantes, a construção da “caravana” que se dirigiu de Belo Horizonte para Porto Alegre, sede do XVI Encontro Nacional de Geógrafos, em 2010.

3.1. UMA PROPOSTA ARTICULADORA

Enfim, sobre o capítulo “Botar o pé na estrada”, especificamente. Nele se deu a aproximação entre duas obras de dois autores, um filósofo e um geógrafo, Michel Onfray (2009) e Eric Dardel (2010), Combinando-os, temos uma noção poética da geografia (ONFRAY, 2009), de viajantes que enxergam o mundo corematicamente, com uma “*geograficidade* do homem” (grifo do autor; DARDEL, 2010, p. 1), que decifra a Terra através das paisagens, as quais ele ajuda a transformar.

A primeira dúvida que surgiu, ao se fazer a aproximação do que foi exposto acima com os trabalhos de campo da pesquisa, é se caberia tratá-los segundo a concepção de viagem. É naturalizado pensar em um período e uma distância mínima para que se estabeleça a possibilidade de afirmar que algo foi, de fato, uma viagem: como se fosse preciso, pelo menos, passar um dia fora, dormir longe de casa, sair de sua cidade. Viajar dependeria, assim, de um compasso e de um cronômetro. Entretanto, acredita-se que está em outra seara a compreensão sobre o assunto (LIMA, 2015, p. 107).

É desta seara que falarei agora. A “Teoria da Viagem” (ONFRAY, 2009) é uma obra que mostra os diversos momentos que compõem as nossas viagens, e o livro é dividido em cada um deles: abertura (*intrada*), antes, entremeio I, durante, entremeio II, depois e continuação (*coda*). Aqui está uma primeira aproximação

desta teoria – em sentido grego, de observação – com os trabalhos de campo, pois, também eles se dão sob a mesma “lógica”. São excepcionais à rotina e têm começo, desenrolares e fim. Uma segunda, e mais profunda, aproximação, está na concepção de viagem que o autor traz. Enquanto o turista compara, o viajante – ou o pesquisador, no caso – separa, através de uma “vontade etnológica, cosmopolita, descentrada e aberta” (ONFRAY, 2009, p. 59). Ou seja, o viajante é aquele que percebe o diferente em vez do estranho, o historicamente produzido em vez do localmente naturalizado, a riqueza cultural em vez do estágio civilizatório.

Para operar essas distinções o autor propõe que o viajante enxergue o mundo através de coremas, como uma ferramenta analítica “cuja disposição permite decifrar a terra” (ONFRAY, 2009, p. 104).

Esta citação permite um enlace fundamental entre o filósofo e o geógrafo: os dois acreditam que a superfície terrestre deve ser *decifrada*, e “o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto” (DARDEL, 2010, p. 2). Mas, antes de iniciar as concepções do segundo, terminemos de abordar o primeiro.

Os coremas, para Michel Onfray, não devem ser tomados com a mesma intenção que pretende seu criador – outro geógrafo –, Roger Brunet (1980). No que importa às teorizações sobre viajar, os coremas são figuras geométricas “capazes de explicar as organizações espaciais legíveis nas paisagens” (ONFRAY, 2009, p. 103). Em vez da modelização original, essas figuras criam uma “filosofia das forças e dos fluxos, das formas e dos movimentos” (ONFRAY, 2009, p. 102). Precisamente o que aconteceu na dissertação.

Dada as extensas descrições e análises psicogeográficas – um terço do trabalho de mestrado – os dois produtos cartográficos precisavam ser, principalmente, locais. Precisavam ajudar, em especial os que desconhecem a área, na espacialização do que estava sendo dito. Assim, os mapas da dissertação configuraram-se em cartografias “clássicas”, fáceis de ler o que está aonde. Essa foi a principal razão para deixar a criação coremática para outra oportunidade, mantendo-a naquele momento, mais próxima de sua concepção filosófica. Decidido isso, fui obrigado a fazer o mesmo com as janelas gráficas. Porque, ao decidir pelas descrições mais objetivas e pelos mapas mais orientadores, optei pela narrativa, para que pudesse falar das viagens de campo, contando-as a partir delas próprias, e, também, como demonstração do levantamento de dados. Para exemplificar o que foi feito à época, reproduzo uma citação sintética e objetiva.

Aclarando, pode-se mencionar as seguintes relações. Os eixos de conexão são a formação de uma malha, mas também dizem respeito à ocorrência de tropismos (movimentos segundo estímulos do ambiente). As placas giratórias dependem de uma ação gravitacional (ou de uma atração, se traduzido literalmente), e foram estabelecidas segundo uma hierarquia. As ambiências são delimitadas de acordo com contatos, ou seja, os limites entre duas regiões distintas, que por sua vez são polígonos que circunscrevem determinada porção terrestre. E a psicogeografia, operando pela reflexão conjunta desses elementos, evidencia dinâmicas territoriais (LIMA, 2015, p. 113).

Continuando o resgate do capítulo “Botar o pé na estrada”, devo dizer que as janelas gráficas, bem como o corema a ser apresentado, são frutos de vivências paisagísticas que dizem respeito à “Terra experimentada como *base* [...] onde se aconchega nossa subjetividade” (grifo do autor; DARDEL, 2011, p. 40-41). Assim, a paisagem dardeliana “fala de um mundo onde o homem realiza sua existência como presença circumspecta e atarefada” (DARDEL, 2011, p. 32). Tal não significa que não houve análise alguma, pelo contrário, o que aconteceu é que ela foi embasada pela própria vivência.

Uma das maneiras que encontrei, para colocar em palavras uma leitura dessa concepção de paisagem, foi o capítulo denominado “Expressões dardelianas” (LIMA, 2015, p. 54-57), em que tratei do Centro Histórico a partir de suas divisões espaciais: construído, telúrico, aquático, aéreo. Para o geógrafo mencionado, o espaço geográfico pode ser melhor compreendido através de abrangências. Os quatro “tipos” de espaço, que acabo de mencionar, estão todos incluídos sob a concepção de espaço material. “Ele é a falésia, a escarpa da montanha; ele é a areia da duna ou a grama da savana, o céu morno e enfumaçado das grandes cidades industriais, a grande ondulação oceânica. Aérea, a matéria permanece ainda matéria” (DARDEL, 2011, p. 7-8). Assim, nas Expressões fiz um mini-ensaio literário que pudesse mostrar uma paisagem coesa do bairro, através de suas subdivisões ou “tipos” de espaço.

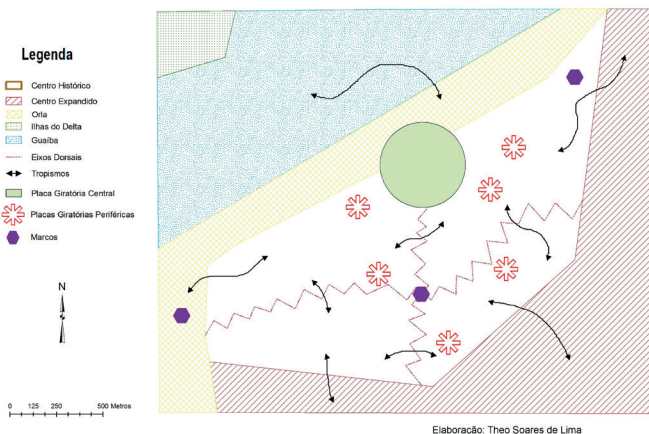
Reescrevo, de maneira enxuta, o capítulo das “Expressões”. Em termos construídos, o Centro de Porto Alegre é, basicamente, cimento. E, ao mesmo tempo em que é marcante por sua alta densidade e elevados edifícios, é característico de construções coloniais que raramente ultrapassam três andares. Ainda que muito do bairro possa ser atribuído às suas construções, o Centro destaca-se pela vida pública, coletiva no usufruto da rua, que é “a realidade geográfica da cidade por excelência” (DARDEL, 2011, p. 20). Marcadamente, o espaço telúrico apresenta-se por um morro que atravessa o bairro. Em sua crista este sustenta a Rua Duque de

Caxias, um dos eixos dorsais vetorizados no corema a seguir. Por dividir a área em duas, uma vertente para o Sul e outra para o Norte, influencia nos deslocamentos e usos cotidianos. Seu espaço aquático, invariavelmente, é o Guaíba, seja lago, rio ou estuário. Ele é marcante nos hábitos, como nos usufrutos da Usina do Gasômetro, quanto é regulador do clima. Os ventos e as névoas, por exemplo, são eventos climáticos condicionados pela existência de tal corpo d'água. Por outro lado, a ilha de calor, formada no verão, é consequência da construção da urbe. Em termos aéreos, a luminosidade diária favorece o local quando é amena, e castiga os caminhantes quando se encontra quase no zênite, porque nunca chega até ele. Sua latitude não permite. Dos seus cheiros, o Centro deixa um rastro de poluição atmosférica e aquática, mas é igualmente significativo por aromas peculiares e saborosos, como os do Mercado Público.

Feita a caracterização da área⁵, apresento a modelização que surgiu a partir dela. Com sua exposição, serei obrigado a escrever sobre os elementos que lhe dão forma, resgatando, simultaneamente, apontamentos da dissertação que ajudem a explicar a imagem.

Figura 1: Corema do Centro Histórico de Porto Alegre/RS.

COREMA DO CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE/RS



Fonte: Dados levantados em campo.

5 Infelizmente não há espaço para melhor “ambientar” o leitor que desconhece a área investigada. Entretanto, foi feito um amplo esforço de dar conta disso na dissertação, onde estão descritas as ambiências do bairro, expostos registros fotográficos e dois mapas locais do que está descrito. Ver Lima (2015, p. 57-102).

Antes disso, acredito que tenha um comentário por fazer: a razão em utilizar um corema. Adianto que tal é mais intuitiva do que realmente embasada em grandes obras e elucubrações. Há algum tempo – meados da graduação – conheço a proposta dos coremas, o que se deu quando tive contato com Hervé Théry (2004). Desde então tenho gosto por sua aparência, por sua capacidade de representação, por sua operacionalidade analítica. Mas nunca entendi muito bem as razões disso. Arrisco, pela primeira vez, um *palpite* para tal, que satisfizes a mim sem deixar de ter certo embasamento epistêmico. Eles são representações essencialmente espaciais, no sentido de que a organização de seus signos tendem, pela própria forma, a mostrar a dinâmica territorial envolvida em cada um. A hierarquia dos pontos, as setas de movimento, as separações por áreas. Inclusive, os coremas foram originalmente concebidos sem exatidão de escala e de orientação, o que demonstra sua prioridade pelo significado gráfico frente a exatidão métrica, ainda que o apontamento para o Norte seja um pré-suposto, e estejam em proporção com as imagens a partir das quais foram demarcados (BRUNET, 1980; THERY, 2004).

Esclareço também, por garantia, uma possível dúvida envolvendo a origem teórica da figura precedente. Inicialmente, a “teoria dos coremas” pretendia criar um modelo de análise que pudesse quantificar a superfície terrestre e, ao fazê-lo, produziria uma representação matemática, alinhando-se com a geografia teórica/quantitativa, que, em nossos dias, não é nem um pouco bem vista. Essa abordagem foi amplamente criticada por omitir as condições reais de classes e grupos sociais e apresentar-se como ciência neutra. Entretanto, tal se torna irrelevante frente seus usos possíveis, e há um argumento (das condições necessárias e suficientes) que, acredito, supera a demanda de discutir se ela se encaixa, ou não, nessa linha de pensamento. Ou seja, não é *necessário* que a elaboração das figuras coremáticas calque-se nas ciências exatas, porque pesquisas de campo, com entrevistas não-formais, aliadas a registros fotográficos, diários pessoais e dados estatísticos, reunidos em dois produtos cartográficos e uma narrativa, parecem ser suporte *suficiente* para um caminho alternativo à presente produção. Aliás, como dito anteriormente, o próprio Onfray (2011) se utiliza dos coremas através de uma proposta que não tem nenhuma ligação com a modelização típica da geografia quantitativa.

Enfim, sobre a Figura 1. Ela contém, de maneira geral, quatro áreas. As Ilhas do Delta, presente pelo polígono verde, e o Guaíba, em azul. O bairro Centro Histórico, delimitado em marrom, e as duas áreas que lhe são adjacentes: a região da Orla e a do Centro Expandido.

Na monografia e no trabalho de mestrado, uni duas concepções de ambiências (REGO, 2000, 2010; DEBORD, 2003b [1957]) que se assemelham bastante. Ambas aliam a influência que o ambiente, enquanto entorno físico do sujeito, tem sobre os comportamentos e como ambos se retroalimentam. Na primeira concepção (REGO, 2000, 2010), a ambiência é uma noção de espaço geográfico que associa as relações sociais com as relações físico sociais, constituindo-se em lócus de reprodução e transformação da vida. Os sujeitos, ao melhor entenderem seu cotidiano, detêm maior capacidade de ressignificá-lo e de agir sobre ele materialmente. A segunda concepção (DEBORD, 2003b [1957]) é mais perceptiva, por assim dizer. Por estar imbuída dentro da proposta de psicogeografia, ela é “ao mesmo tempo produto e instrumento de novos comportamentos”. Uma unidade de ambiência propicia uma determinada vivência, portanto, a riqueza da urbe deveria propiciar uma multiplicidade de momentos cotidianos, diferenciando áreas umas das outras, para que “porções” da cidade suscitasse determinados comportamentos, ou para que o urbanismo se constituísse de uma deriva contínua – quando a fragmentação do tecido urbano modernista estaria completamente superada. Não indo tão longe quanto o pensamento situacionista, tentei ver as ambiências como locais arquitetonicamente peculiares e como eles eram experimentados, por mim e por quem cruzei nas derivas realizadas, e, a partir daí, pensar o conjunto das ambiências do bairro em sua relação com corpos em conflito, na cidade e por ela, enquanto disputa de projetos de mundo (LIMA, 2015, p. 115-130).

A região da Orla, primeiramente, não consta assim na dissertação, porque foi delimitada em suas duas particularidades, Usina do Gasômetro e Cais Mauá. Também cabe ressaltar que as Ilhas do Delta foram incluídas como Ambiência do Centro e são, basicamente, a única distinção pertinente entre o Centro Histórico enquanto bairro administrativo e enquanto unidade de ambiência (LIMA, 2015, p. 58-59). Quis, com o corema, deixar mais evidente essa zona única, que limita toda a área analisada, a Norte e a Oeste, e que a afeta de maneira magnânima. A outra “macro-zona”, que aparece no corema como “Centro Expandido”, é uma regionalização feita para mostrar o que havia para além da ambiência “histórica”, evitando que houvesse uma sensação de vácuo. Identifiquei, na “Ambiência expandida” (LIMA, 2015, p. 98-101), quatro divisões possíveis que representavam aspectos diferentes do Centro. No sentido Av. Borges de Medeiros/Zona Sul, está

uma expansão administrativa, com prédios do poder governamental, hotéis e locais de evento. No bairro Cidade Baixa, a expansão das características culturais, com edificações antigas e vida boêmia. No bairro Bom Fim, a expansão residencial, característica especialmente da parte sudoeste do Centro. E, na última divisão, no sentido Rua Voluntários da Pátria/Rodoviária (o marco a nordeste), a maior possibilidade de expansão física: é onde a especulação imobiliária pode agir mais fecundamente. Não fiz essas subdivisões nos mapas da dissertação, como não fiz agora, e a explicação segue a mesma. Demarcá-las, visualmente, contribuiria com a poluição da representação, atraindo a atenção para outros elementos que são menos importantes do que evidenciar dinâmicas do foco das derivas, o Centro Histórico de Porto Alegre. Por sinal, analisar essas expansões é um possível convite para derivas futuras, através de uma leitura histórica comparativa, de onde certamente sairia um refinamento da psicogeografia.

Utilizando a própria deixa, faço menção aos itens que compõem o restante da legenda. Os eixos dorsais são delimitações que dividem o bairro de maneira igualmente significativa, e que se entrecruzam na caracterização da área. Enquanto a R. Duque de Caxias opõe duas vertentes, Norte/Sul, a Av. Borges de Medeiros adentra a ambiência em um corte Oeste/Leste. Inclusive, o viaduto existente na sua junção, evidenciado como marco regional no corema, é fruto de uma massiva obra de engenharia, que, literalmente, abriu o morro. Hoje, o Viaduto Otávio Rocha (comumente chamado Viaduto ou Escadaria da Borges) é um dos signos mais marcantes do local e, porque não, da imagem de Porto Alegre. Além disso, sua presença é de extrema importância para entender os fluxos existentes. Falando em fluxos, temos ainda os tropismos e as placas giratórias. O termo tropismo já apareceu aqui, na citação direta sobre os coremas enquanto filosofia de forças e fluxos. Estritamente, tropismo é um termo biológico, que caracteriza movimentos realizados pelo estímulo do ambiente, como uma planta que se curva em direção ao sol. Ainda que não sejamos vegetais nos comportamos, em diversos momentos, de maneira similar. Ao caminhar pela cidade estamos constantemente reagindo ao ambiente, desviando de seus declives, descansando ao sol ou à sombra e resguardando-nos da chuva ou do vento. Mas, além disso, cabe enxergar a busca por determinados serviços que, dispostos sobre pontos da superfície terrestre, demandam certos trajetos: a “segunda natureza” também age sobre nossos comportamentos e ajuda a compor as ambiências. Pode-se notar que há deslocamentos entre todos os “quadrantes” do Centro Histórico, bem entre os quadrantes e suas respectivas áreas adjacentes. Destaco os dois movimentos que parecem apontar para o topo da imagem. O que adentra o Guaíba representa o uso

do catamarã, que atraca no Cais da Mauá e leva os passageiros para o município vizinho, de nome homônimo ao corpo d'água. Já o que desponta para o Centro Expandido mostra, especialmente, a mescla entre a saída do bairro e a saída em direção à região metropolitana de Porto Alegre, bem como o sentido contrário, de chegada.

Talvez os elementos mais curiosos que apareçam na imagem sejam as placas giratórias. Nem tanto por sua representação, mas por sua nomenclatura e utilização. Este é mais um termo situacionista, utilizado em sua tradução aproximada de *plaque tournante*, seguindo a influência de outro trabalho (GROSSMAN, 2006). O termo advém das placas metálicas existentes na convergência de várias linhas férreas. Esta placa, circular, gira sobre seu próprio eixo para encaixar novas combinações de trajetos. A mesma ideia foi transposta pelos *situs* para o ambiente urbano, em que certas áreas comportam-se com o mesmo efeito, seja sobre o passante desavisado, seja sobre o passante consciente. Constitui, por conta, uma distinção entre placa giratória central e outras periferias, não somente pelo trocadilho com a área estudada, mas porque suas influências apresentam-se, de fato, hierarquizadas. Na Placa Giratória Central (LIMA, 2015, p. 74-76), o grande círculo verde da imagem, temos o Largo Glênio Peres e seu entorno (LIMA, 2015, p. 83-86), onde se localiza o Mercado Público, o Abrigo e o Chalé da Praça XV. Ao lado, compondo esta placa giratória, está a Praça Montevideu. Ainda são presentes, além do acesso ao Catamarã, o Trensurb (serviço de trem intermunicipal) e o terminal de ônibus Parobé – que ocupou o sítio de uma praça homônima. Na verdade, o “Centro como um todo pode ser visto enquanto uma enorme placa giratória, porque atrai e dissipa pessoas de todos os lugares de Porto Alegre e dos municípios vizinhos” (LIMA, 2015, p. 51). Aliás, fica evidente que derivar não é um processo que se fecha nas ruas pelas quais percorre, numa postura ensimesmada do mundo, localista, que só enxerga o que vê na frente do nariz. Pelo contrário. “Derivar proporciona um panorama para além do próprio local percorrido” (LIMA, (2015, p. 51). Quanto às placas giratórias periféricas, elas são todas praças: Alfândega, Matriz, Otávio Rocha, Daltro Filho, Oswaldo Crus, Argentina/Raúl Pila (LIMA, 2015, p. 76-81). E, mais importante do que serem praças (incluído o Largo), são todas áreas “públicas, abertas e amplas – mesmo que esta última característica seja apenas em sentido relativo” (LIMA, 2015, p. 80).

Podemos ver claramente, no corema, que a disposição destas centralidades – inclusive no sentido atribuído por Serpa, (2011, p. 97-108), entre lugar e centralidade – forma um triângulo, que tem por base a placa central. Em certo sentido, é como se todas as outras orbitassem em torno desta maior. O que não diminui, nem um

pouco, a importância particular que cada uma das placas periféricas têm na história de formação do bairro e da própria cidade, bem como em sua dinâmica atual, especialmente as praças da Alfândega e da Matriz – cujo nome oficial é Marechal Deodoro da Fonseca.

Para finalizar, os “marcos” (LYNCH, 2011, p. 53, p. 88-92), entendidos como um tipo de referência externa, um objeto físico definido em meio a um conjunto de possibilidades, avistados longinquamente ou mais restritos, o observador os utiliza como indicativo locacional para montar seu mapa mental, ou sua imagem da cidade, como sugere o título do livro citado. O corema apresenta apenas três deles. No canto Oeste, a Usina do Gasômetro e, diametralmente oposta, a Rodoviária na ponta Leste. No centro da figura, onde se cruzam os eixos dorsais, o Viaduto Otávio da Rocha. Mencionado anteriormente, este viaduto é um “cartão-postal” de Porto Alegre, compondo os principais ícones do imaginário coletivo da cidade, além de possuir uma forte influência nos fluxos diários, especialmente porque se faz muitas indicações de um lugar “para cá” ou “para lá” da Av. Borges de Medeiros e da R. Duque de Caxias. Por último, sua construção permite que automóveis, bicicletas e pedestre possam atravessar o morro que divide o bairro, sem que tenham que subir até a crista para descer do outro lado. Os outros dois marcos são importantes individualmente, contudo, adquirem significados mais fortes quando pensados juntos. A Usina é local de visita e repouso, associa-se ao Guaíba e, como o Viaduto, faz parte das fotos características da capital. A Rodoviária, pelo contrário, é local de passagem, onde se chega para poder partir, ou por onde se passa para retornar. Não é para ser desfrutada, mas rapidamente “consumida”. Sua ligação, em vez de ser com o corpo d’água, é com o asfalto. Ambos marcos possuem, igualmente, a função referencial dentro do mapa mental dos habitantes. Não há sombra de dúvida que existem vários outros marcos para serem plotados no corema. A grande maioria, todavia, se veicula com as placas giratórias e ambos acabariam se sobrepondo.

Um último comentário, sobre o quadrante interno do Centro, que não possui nem marcos, nem placas, apenas ligação por tropismos. Não se deve pensar que ele é vazio de referências, que não há ambiências nele, ou que não se tenha informações para representar. Nada disso. Esta parte do bairro é extremamente característica, porque é o local de maior adensamento residencial. Ainda que existam prédios de moradia em outros pontos, em que pese serem nas suas adjacências (SPM, s.d.). A calmaria de suas ruas, as construções coloniais e sua intensa arborização são um convite para corriqueiras caminhadas. Por outro lado, estas características acarretam que nenhum dos elementos selecionados para a imagem, como os marcos e placas

giratórias, situem-se em seu perímetro. Pelas descrições e pela delimitação das ambiências internas e dos fluxos de conexão, ele se torna bem mais representativo nos mapas da dissertação (LIMA, 2015, p. 81, p. 102).

ZEN-BUDISMO NA PÓS-MODERNIDADE

Longos percursos. Descidas, subidas, curvas, paradas. Movimentos contínuos, através de uma sábia manutenção da velocidade. Quem vai longe deveria saber que é preciso manter um ritmo, uma cadência na sucessão de cada ato, uma tranquilidade na garantia do próximo passo, do próximo metro percorrido. A corrida é para quem quer chegar, a caminhada serve melhor a quem quer percorrer. Não pode haver pressa. Há uma analogia zen-budista para explicar o devir preciso dos acontecimentos: uma gota desprende-se de uma folha somente no exato momento em que pode acontecer: é quando ambas estão em sua curvatura e elasticidade máximas que a gravidade triunfa, nem antes, nem depois. Esta deve ser a consciência do caminhante. Uma prática constante, uma persistência meditativa. Uma luta contra o cansaço, a fadiga dos músculos, a fome e a sede, a vontade de parar, a dúvida em prosseguir. Tudo isso acompanha aquele que se propõe a colocar os pés em movimento. Aquele que decide desbravar em vez de atravessar.

Todavia, a concentração não se detém no controle do corpo, ultrapassa ao exterior e dele retorna. A cidade contemporânea, tratada aqui, é um exemplo clássico da pós-modernidade, com suas tribos, seus arranha-céus espelhados, suas propagandas incessantes, entre outdoors e letreiros luminosos, sua vida funcionando na órbita completa do relógio. É esse entorno que circunda o caminhante, é por onde se anda e é dele que se exprime ideias. Um entorno agitado, adensado, verticalizado, em acúmulo excessivo de informações, impossíveis de acompanhar. Como disse Lenine, “o mundo vai girando cada vez mais veloz”.⁶ É preciso ter calma e constantemente lembrar-se disso, como um mantra. Um caminhante, prezando pela busca da excelência, deixará que cada ato assente, assim como é preciso esvaziar o copo para enchê-lo novamente.

Pois o passo do caminhante é uma marcha filosófica.

4. ENCAMINHAMENTOS

Terminei a dissertação com uma pergunta no título do capítulo e com uma afirmação na última linha. De “Conclusão, a que será que se destina?” (LIMA, 2015, p. 139), respondi que é “uma espacialidade da dominação que está em

⁶ Trecho da música “Paciência”, do CD “Na pressão” (1999).

causa, portanto, é nos interstícios das narrativas e cartografias por fazer que reside o convite e a força da psicogeografia [...]” (LIMA, 2010, p. 141). É uma afirmação, certamente, mas que contém um encaminhamento em vez um encerramento. Reformulo, então a pergunta feita antes para dizer que a conclusão destina o que virá, encaminha o ser nos seus constantes devires e as pesquisas às novas indagações.

Este artigo teve, basicamente, duas motivações. Saciara o “gostinho na boca” de continuar falando sobre o que tem me chamado a atenção há vários anos, mas, também, apresentar a dissertação sinteticamente, para além de um artigo-resumo. Os coremas e as janelas gráficas, portanto, cumpriram esse papel com destaque, aproveitados para a abordagem que compõe as representações possíveis das derivas e, porque não, do cotidiano. Certamente existem diversas outras possibilidades para representa-las, inclusive “a força de um poema talvez se sobressaia na construção concisa de uma poética da geografia (LIMA, 2015, p. 108). O poeta, entretanto, ainda teima em se esconder, ao mesmo tempo em que tenta identificar os momentos apropriados. E este, definitivamente, não é um boletim de poesias.

Em termos de estrutura de tópicos, o que espero ter realizado foi começar enunciando o problema em vista: situar a discussão, por assim dizer. Depois, complementar esse primeiro momento com uma recapitulação do que levou a desembocar tal assunto aqui e agora. Em terceiro, colocar os apontamentos propriamente, resgatar o capítulo da dissertação, sobre os trabalhos de campo, e adensá-lo um pouquinho mais, através da produção do corema. Se na dissertação esta foi uma maneira de perceber e descrever o mundo, tal qual aquela filosofia de forças e fluxos que diz Onfray (2011), aqui tornou-se, enfim, uma imagem. Com as janelas gráficas espero ter quebrado, na medida certa, a linearidade do assunto, como momentos de descanso em que se recupera o fôlego para seguir a caminhada. Apesar de seus assuntos serem diferentes, elas pertencem a mesma prosa.

Fica, enfim, o desejo de que venham outras derivas, criando coremas para novas paisagens.

ABOUT DERIVES, CHOREMES AND LANDSCAPE

ABSTRACT

The present article approaches the field works, particular in Geography, relating them to the concepts/notions of derive, choreme and landscape. For such, it is done a rescue of the author's publications, which concerns the theme involved, combined with the presentation of a choreme and three "graphic windows". The discussion was developed, therefore, gathering what had already been done with topics that remained to be said.

KEY-WORDS: Internacional Situacionist. Field work. Derive. Choreme. Landscape.

ACERCA DE DERIVAS, COREMAS Y PAISAJES

RESUMEN

Él presente artículo aborda los trabajos de campo, en particular en la Geografía, los relacionando con los conceptos/nociones de deriva, corema y paisajes. Para tal, es echo un rescate de publicaciones del autor, que tratan de los temas envueltos, conjuntamente con la presentación de un corema y de tres "ventanas gráficas". La discusión fue desarrollada, por consiguiente, juntando lo que ya había sido hecho con asuntos que permanecían por ser dichos.

PALABRAS-CLAVE: Internacional Situacionista. Trabajos de campo. Deriva. Corema. Paisaje.

REFERÊNCIAS

BRUNET, Roger. "La composition des modèles dans l'analyse spatiale". In. **L'Espace géographique**, nº4. Paris: Éditions BELIN, 1980, p. 253-265.

_____. La carte-modèle et les chorème. In. Mappemonde, 86/4, 1986, p. 2-6.

CONSTANT. Outra cidade para outra vida. In. JACQUES, P. B. (Org.) **Apologia da Deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 114-117. [Publicado originalmente em Internationale Situationniste, nº 3, 1959]

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**. A natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEBORD, Guy-Ernest. Introdução a uma crítica da geografia urbana. In. JACQUES, P. B. (Org.) **Apologia da Deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Casa da Palavra, 2003a, p. 39-42 [Publicado originalmente em Les lèvres nues, nº 6, 1955].

_____. Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e da ação a tendência situacionista internacional. In: JACQUES, P. B. (Org.) **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003b, p. 43-59 [Apresentado originalmente na fundação da Internacional Situacionista, 1957].

_____. **Sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

_____. Teoria da Deriva. In: JACQUES, P. B. (Org.) **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003c, p. 87-91. [Publicado originalmente em *Internationale Situationniste*, nº 2, 1958.]

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

GROS, Frederic. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações Editora, 2010.

GROSSMAN, Vanessa. **A arquitetura e urbanismo revisitados pela Internacional Situacionista**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2006.

HERVÉ, Théry. Modelização gráfica para análise regional: um método. In: **GeoUSP – Espaço e tempo**, nº 15. São Paulo: 2004, p. 139-149.

HOME, Stewart. **Assalto à cultura: utopia subversão guerrilha na (anti) arte do século XX**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

Internacional Situacionista (IS). A miséria do meio estudantil. In: **Situacionistas: teoria e prática da revolução**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002, p. 25-57 [Publicado originalmente como panfleto em 1966].

_____. Definições. In: JACQUES, P. B. (Org.) **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 65-66 [Publicado originalmente em *Internationale Situationniste*, nº 1, 1958].

KAYSER, Bernard. O geógrafo e a pesquisa de campo. In: **Seleção de Textos**, nº 11. São Paulo: Teoria e Método, 1985, p. 25-40.

KHATIB, Abdelhafid. Esboço de descrição psicogeográfica do Les Halles de Paris. In: JACQUES, P. B. (Org.) **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 79-84 [Publicado originalmente em *Internationale Situationniste*, nº 2, 1958].

KOTÁNYI, Attila; VANEIGEM, Raoul. Programa elementar do bureau de urbanismo unitário. In: JACQUES, P. B. (Org.) **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 139-142 [Publicado originalmente em *Internationale Situationniste*, nº 6, 1961].

LACOSTE, Yves. Pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. In: **Seleção de Textos**, nº 11. São Paulo: Teoria e Método, 1985, p. 1-23.

- LIMA, Theo Soares de. **Caminhos urbanos à Deriva**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Porto Alegre, 2011. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/555>>
- _____. **Deambular pela cidade como uma experiência humanista**. In. Revista TERRITÓRIO AUTÔNOMO [recurso eletrônico] / ReKro – n. 2, 2013, p. 27-40. Disponível em <<http://www.rekro.net/revista-territorio-autonomo/>>
- _____. **Ensaio sobre a vida cotidiana**. Passos e tropeços de uma pesquisa psicogeográfica. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2015. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/128940>>
- LOURENÇO, Claudinei. Entrevistas. In. **Boletim Paulista de Geografia**/ Seção São Paulo – Associação de Geógrafos Brasileiros, nº 91. São Paulo: Trajetórias de campo, 2011, p. 63-74.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Porto Alegre: L&PM, 2009
- _____. **A potência de existir**: manifesto hedonista. São Paulo: Editora WMF, 2010.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Khedyr, 2011.
- Secretaria de Planejamento Municipal (SPM). **Síntese do Plano Estratégico**. s.d. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php?p_secao=20>>
- SERPA, Angelo. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. In. CARLOS, A. F. A; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011, p. 97-108.
- SILVA, Flávia Elaine da Silva. Aproximar sem reduzir: as derivas e a pesquisa de campo em geografia urbana. In. **GeoUSP – Espaço e tempo**, nº 15. São Paulo: 2004, p. 139-149.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de Campo em Geografia. In. **GEOgraphia**, v. 4, nº 7. Rio de Janeiro: 2002, p. 64-68.
- VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

Data de recebimento: 02/10/2015

Data de aceite: 18/12/2015